

4 poemas

Carla Diacov¹

graças a deus entre nós

dar nome ao prato
com o resto da tarde
espinha de peixe e
mosca inteira
dar nome
porque devemos chamá-lo
porque estava era um
de nós à mesa
e nele o resto de tudo que não
foi digerido
dar nome pois
que nomeado terá chances
de ser magoado culpado trincado
cúmplice
um prato
desde o começo era ele entre
nós e deitamos do tudo sobre o
ódio e sobre as alamedas vazias
que em chulo dialeto
fizemos dos nossos almoços de domingo
graças a deus
graças a deus entre nós
espinha de peixe e
mosca inteira
seu apelido

¹ Poeta formada em Teatro. Estreia em livro, além da participação em algumas antologias, com *Amanhã Alguém Morre no Samba* (Douda Correia, Portugal, 2015). Tem participação em diversas revistas on-line e impressas.

efetuar pagamento

o peso desse lápis
não é o peso da certeza
em algum momento da vida
vou ser muito mais parecida com minha mãe
mais do que já sou
serei muito mais parecida com meu pai em algum outro
momento
serei muito mais parecida com uma vizinha que tive
vera me acordava com deus aos berros
serei muito parecida com o padeiro
em algum passo mais largo que esse
em algum espirro mais breve
serei parecida com a megera flor que vejo no vaso
com a água cheia de larvas
em algum momento da trilha serei
mais aquela que quero ser hoje
uma que não precisa se alimentar
uma que não usa roupas
uma que não desperdiça os olhos
os ovos os ombros os vasos
o peso desse lápis não é mesmo o peso da certeza
minha mãe está fazendo chá de alguma coisa
meu pai está em algum lugar escondido de tudo
em todo momento
meu pai está
em algum momento meu pai será
muito mais parecido comigo
e já o peso do lápis confere o documento que segue
meu pai então
protocolado

Lhufas vão bem com vinho turvo

alguém diz que o dia é baldio
basta a vibração das palavras para
que um homenzinho
alimente o gato
corte os cabelos
acarinhe o pensamento sujo
de pássaros
basta a vibração
para
que o chão esteja
para que o chão receba o rosto e os joelhos
do corpo que cai com a visão
mandalas na radiação solar
basta o sol embutido nalgum sentido
do dia baldio para que
alguém comece a salgar a carne
lavar as folhas
alguém diz que o dia é baldio
alguém diz lhufas vão bem com vinho turvo
alguém com alguém passa 11 horas num
elevador entre o sexto e o sétimo piso
fazem um filho ou uma saída
o dia é baldio
alguém cai duro no sofá de bambu
alguém espera que o dia baldio acabe
então basta
esperar para que a noite chegue
inculta
cabendo a tudo
o dia na noite com salada
sujeira de pássaros
lhufas um filho uma saída

lá em vem a cólera em busto e fogo

.para a série “enterradas vivas” da revista Modo de Usar & CO.

canta mãe olha
a cólera e a cólera jovita
olha cá como o mato seco
lembra a pequena mania antônia veja só
vermelho que dá em tudo jovita olha
chumbo que dá nos dentes há hepáticas secas
do tempo que se conta há índios
negros do front
dum couro leve suave mãe
nada me vale para sempre
nada sensação para além do imperioso
guilherme olha antônia guilherme
desde agora
mãe
são nomes e cólera e couro suave eusébio
guilherme toma olha aqui
é de punhal é de fogo é de farda a fábula que
quero contar olha mãe
de couro suave amarrava os peito
sê lenda guilherme lembra eusébio em nada
eusébio mira o nada homem
fui ter com meu pedaço de nada
um tanto do tudo mãe
há quantas crianças cresci jovita
a cólera sim tece vivendeiras
cavalo branco trotando a preto
a farda o couro a ravina olha
cavalo filetado bendito ao vinho
mata bendita olha tanto da infantaria
postiça mata olha anna
comme des enfants
elegantes elefantes da origem fabulosa

segura anna olha o couro suave olha anna
escuta os anjos desde humaitá antônia
santos intrusos gritos vem e olha
jovita filha índia e asa de joana francesa
sonha e olha na prata o fogo Jovita e farda
idolatra e cheira pinta o mapa
ó pátria cuida olha suave o couro
voluntários da corda
acordados da pátria
jovita vê joana em chamas
olha o punhal guilherme queixa a ladainha
quela que te fiz amasiada bacamarte sorte
debaixo da lona uniforme
escuta antônia joana olha jovita mãe
é um couro duro suave
de passar faca de afiar voz mãe
é coral suave trêmula cantilena
eusébio olha cá o couro comendo
eusébio antônia é aceitável cólera
precisa amontoada bravura em sépia
conta os tons guilherme deu no jornal
joana chama em chamas há tons desde
eusébio cala-te caga e olha
eusébio olha o couro treme suave
atira homem acavala o ferro no ombro
assim e desta forma
atira mata o nada mira o meio
ao meio nada onde pode
o mapa dum tudo olha
meu primeiro tiro aos 12
matei pedaços de nada
toda aferro apenas e às penas para ser
nome de avenida querendo a nome fronteiroço

jovita há quantas chamas ouvia joana
olha escutava visões desde humaitá
lá em vem a cólera em busto e fogo
mãe
há tantas tranças chamava
humaitá
desde o chamado jornal do comércio ia
o mapa jovita o mapa há tantas fábulas
fogos punhal crianças anna
sargento símbolo primeiro jovita
o mapa nott

há quantas jovitas
olha mãe
quereria a honra para estrebuchar outras